

CORRUPÇÃO ESTRATÉGICA: UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Brenda do Nascimento de Souza¹

RESUMO

O artigo estabelece o significado de corrupção estratégica e examina sua aplicação na política externa dos Estados, analisando os efeitos dessa prática, tanto internos quanto internacionais, particularmente em um sistema anárquico em que a noção de corrupção é ambígua. O objetivo é compreender a aplicação da corrupção estratégica, seus impactos sociais e institucionais, além de como ela está profundamente integrada à governança estatal. O trabalho defende que, apesar de poder gerar benefícios geopolíticos, essa prática prejudica instituições e democracias, impactando tanto países em desenvolvimento quanto os já estabelecidos. Exemplos incluem países como Estados Unidos, Rússia e China, como será mostrado ao longo da tese. Em conclusão, o artigo ressalta que a corrupção estratégica perpetua as desigualdades de poder, compromete a soberania e é sustentada pelo capitalismo, por instituições frágeis e por conflitos atuais, não havendo uma solução imediata para o problema.

Palavras-chaves: Corrupção Estratégica, Relações Internacionais, Democracia, Instituições

ABSTRACT:

The article defines the meaning of strategic corruption and examines its application in the foreign policy of states, analyzing the effects of this practice both domestically and internationally, particularly within an anarchic system where the notion of corruption is ambiguous. The goal is to understand the use of strategic corruption, its social and institutional impacts, and how it is deeply integrated into state governance. The paper argues that although it can generate geopolitical advantages, this practice undermines institutions and democracies, affecting both developing and established countries. Examples include nations such as the United States, Russia, and China, as will be demonstrated throughout the thesis. In conclusion, the article highlights that strategic corruption perpetuates power inequalities, compromises sovereignty, and is sustained by capitalism, weak institutions, and ongoing conflicts, with no immediate solution to the problem.

¹ Discente do Curso de Relações Internacionais da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculada na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob a orientação do Prof. Dr. Fabrício Pontin. E-mail: fabricao.pontin@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 06 jul. 2025.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar o conceito de corrupção estratégica e como ela pode ser utilizada entre as práticas de política externa dentro de um Estado. O problema de pesquisa que guia nossa investigação será a análise das consequências da corrupção estratégica sendo utilizada em larga escala dentro do sistema internacional, tanto para o âmbito interno, quanto âmbito externo, e como julgar isso, quando o conceito em si não é claro, dentro de um sistema anárquico.

A partir disso, o objetivo é analisar como a corrupção estratégica pode ser empregada em diferentes situações e por diferentes motivos, além de buscar compreender os impactos sociais e institucionais dentro da arena internacional. Assim, utilizaremos as hipóteses de que a corrupção estratégica já está tão enraizada dentro da prática de governo dos Estados, que será necessário uma imensa mobilização dos líderes para que seja devidamente identificada e cessada esse tipo de ação. Além disso, como hipótese adjunta, é mostrado como a corrupção estratégica, apesar de seus ganhos geopolíticos, pode corroer gradualmente as instituições, tanto em países com democracias emergentes quanto já consolidadas, conforme será exemplificado ao longo deste artigo.

Como justificativa, podemos entender que este conceito é, relativamente, novo para o campo de estudos das Relações Internacionais, mas é praticado desde a época colonial entre Estados e faz-se necessário a sua devida conceitualização, para que consigamos realizar a identificação e o julgamento dos casos, com o intuito de compreender efetivamente as consequências. A conceitualização é de extrema importância para o Brasil, uma vez que ao entrarmos na principal plataforma de artigos científicos (CAPES), encontramos um total de 36 resultados referente ao tema, porém nenhum fala diretamente sobre o conceito em si, nem a sua utilização como prática de Estado.

O trabalho será dividido em cinco partes. A primeira parte faz uma análise teórica do conceito de corrupção dentro das Relações Internacionais para os autores Nicolau Maquiavel e John Mearsheimer. A segunda parte explora como a corrupção pode ser aplicada como uma prática de política externa, para a autora Karolina MacLahan e quais as suas consequências. Já o terceiro capítulo possui ênfase na construção do conceito, teorização e exemplos de sua utilização pelos Estados. No quarto capítulo é abordado como a sua utilização foi normalizada, mostrando os diversos impactos no sistema internacional. Por fim, a última seção se concentra em explicar como o conceito ainda é novo dentro do campo de estudos das

Relações Internacionais, apesar de sua prática centenária, e que para ser julgado, ele tem de ser devidamente conceitualizado, a fim de evitar danos irreversíveis.

2 ANÁLISE TEÓRICA SOBRE CORRUPÇÃO DENTRO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Nesta seção, iremos fazer uma introdução sobre o que significa corrupção para grandes pensadores das Relações Internacionais, sendo eles, Maquiavel, um pensador da idade moderna e Mearsheimer, pensador contemporâneo. Ao articular esses dois autores pretendemos dar uma vista panorâmica da possibilidade de abordagem teórica do problema da corrupção, apontando para como tanto Mearsheimer quanto Maquiavel, ao “desmoralizar” o problema da corrupção pensam nessa como um elemento importante para a construção de estratégias políticas. Como veremos, para ambos autores não se trata de justificar práticas de corrupção, mas de entender, politicamente, como esta é operacionalizada por governos..

Inicialmente, é importante recapitular quem foi Maquiavel, sendo ele um grande articulador político na Europa Renascentista. Por ser funcionário da República Florentina e trabalhar diretamente com Lorenzo de Médici, líder da França na época. Ele vivenciou diversas guerras e foi um dos pioneiros a trazer a linha de pensamento que desvinculava a política da moral cristã. Por conta disso, é essencial que vejamos o que significa corrupção para Maquiavel, uma vez que, ele foi e ainda é um pensador imprescindível para a compreensão da história da Guerra na Europa medieval.

Para Maquiavel a corrupção significa a degeneração da *Virtu* do homem, “corrupção é, em suma, simplesmente uma falha de racionalidade, uma incapacidade de reconhecer que nossa própria liberdade depende de nosso compromisso com uma vida de virtude e serviço público” (Silva, Ricardo APUD Skinner, 1990:304). Ou seja, é a incapacidade de entendimento dos interesses públicos em detrimento aos interesses privados. Contudo, o ato corrupto em si, como uma ação realista, pode ser utilizado pelo soberano como forma de beneficiar o seu Estado em prol do bem coletivo. De acordo com ele, a corrupção se origina da desigualdade econômica e o enfraquecimento das instituições.

O problema imposto por Maquiavel se refere à cabeça - Governo - e a matéria - o povo, no qual que se a cabeça está envolta de corrupção, é capaz de realizar melhorias, trocando as pessoas do governo, porém quando o povo foi corrompido também, terá de ser reordenado o funcionamento daquele povo e utilizar de medidas extremas, como , o uso da violência para surtir efeito, conseguindo, por fim, restabelecer a liberdade e leis daquele

Estado, uma vez que um povo corrompido não teme e não atende mais as leis existentes, instaurando-se o caos.

Para Maquiavel, a corrupção irá existir sempre em algum nível. Entretanto, de acordo com Ricardo Silva (2020), o problema está em fixar a visão nos discursos e comportamentos corrompidos sem uma correspondente atenção às condições socioeconômicas e institucionais que constituem o ambiente favorável para a proliferação de tais comportamentos .

No entanto, no contexto em que Maquiavel estava inserido, podemos fazer a analogia em que a desigualdade é um fator inerente à criação de uma república, tendo a elite como detentora do poder e capital, sobrando ao povo a classe proletária, sendo assim, a corrupção se instala desde o princípio na sociedade. Portanto, cabe ao príncipe abdicar de seus interesses individuais em prol do bem coletivo para que a sociedade prospere.

Não só isso, como também, no livro *O Príncipe*, Maquiavel demonstra que, além dos pontos informados acima, o príncipe deve manter a sua reputação perante a elite e povo, pois apesar da corrupção exercida, a sua reputação é o que irá defendê-lo de ser retirado do governo, uma vez que enquanto o povo estiver satisfeito e ainda venerá-lo, não há chance de ser deposto do cargo.

Já Mearsheimer é um cientista político norte-americano, e defensor da teoria do realismo ofensivo². Neste caso, ele vai ao encontro das ideias de Maquiavel, com uma perspectiva contemporânea do tema, no livro “Por que os líderes mentem?”(2012). Para ele, as mentiras ocorrem, na maioria das vezes, em âmbito nacional do que internacional, tendo em vista que no sistema internacional não há nenhum órgão regulador, um “Estado mor,” ou que esteja acima da soberania dos Estados, portanto os Estados vivem em uma anarquia e não possuem confiança uns nos outros, fazendo com que a mentira não tivesse o resultado esperado. Com isso, é muito mais difícil mentir entre Estados, uma vez que as consequências podem ser graves, como problemas nas relações diplomáticas. De acordo com o autor, os soberanos contam mentiras por duas razões: em primeiro lugar, para assegurar o interesse nacional, com a finalidade de segurança no sistema internacional e em segundo lugar visando seus próprios interesses pessoais ou de seus amigos (Mearsheimer, 2012, p. 25)

No âmbito nacional, as mentiras podem ocorrer por diversos motivos, como por exemplo, para justificar uma grande causa (Mearsheimer, 2012, p.7 APUD Norberto Bobbio,2005), ou como propaganda estratégica, como foi o caso pós segunda guerra mundial,

² O realismo ofensivo, de acordo com John J. Mearsheimer, é uma teoria das Relações Internacionais que afirma que os Estados são atores racionais que buscam maximizar seu poder e alcançar a hegemonia regional para garantir sua sobrevivência em um sistema internacional anárquico (Mearsheimer, 2001). Disponível em: *The Tragedy of Great Power Politics*.

durante a guerra fria, pelos Estados Unidos, alegando que o socialismo era perigo iminente e que deveria ser combatido, exercendo o capitalismo. Isso se deve ao fato que o governo realmente acreditava que o capitalismo era benéfico para a sociedade.

Não só isso, como também, outra justificativa de mentiras nacionais é para acobertar uma ação do governo, que foi o que ocorreu no pós 11 de setembro de 2001, no qual o presidente dos Estados Unidos da época, George W. Bush, alegou que o grupo terrorista Al Qaeda tinha relações com o presidente do Iraque, e utilizou deste discurso para atacar o Iraque em 2003, mesmo não possuindo provas concretas deste. Isso acontece via “mitificação nacionalista”, no qual os líderes criam histórias referentes ao passado de seu país, onde “nós” estamos sempre certos e “eles” sempre errados, a fim de criar um sentimento nacionalista e de identidade de grupo na população mais ampla, com o propósito de motivar as pessoas a lutar em guerras por sua patria (Mearsheimer, 2012, p. 46).

Além disso, Mearsheimer segue na linha racional das Relações Internacionais, alegando que essas ações são normais entre líderes de Estado, muitas vezes ocorrendo para o bem da própria população e estão mais propensos a acontecer em períodos de crise. Vale a pena ressaltar também, que de acordo com ele, a população geralmente não pune o governo por suas enganações, a não ser que elas conduzam a maus resultados (Mearsheimer, 2012, p. 20). Assim como, a mentira no âmbito nacional, é menos prejudicial, uma vez que um país raramente está em risco quando se trata de política doméstica (Mearsheimer, 2012, p.149).

Em complemento, Mearsheimer alega que, normalmente, as mentiras ocorrem em países democráticos, em virtude que o governo necessita da aprovação da população para redigir uma ação. Em países autocráticos, os soberanos não necessitam inventar desculpas para tomar certas medidas mais “polêmicas”, por isso, tendem a ser mais transparentes. No próximo tópico iremos entender sobre como a corrupção é utilizada dentro das práticas de governo como arma de política externa e quais as suas características.

3 CORRUPÇÃO COMO PRÁTICA DE GOVERNO NA POLÍTICA EXTERNA

A corrupção sempre foi utilizada como um meio de obtenção de ganhos ilícitos, seja por indivíduos, empresas ou grupos organizados, envolvendo práticas como o pagamento de propinas, o desvio de recursos públicos, a lavagem de dinheiro, entre outros mecanismos. Tradicionalmente, esses atos visavam benefícios financeiros diretos e pessoais. Contudo, com o passar do tempo, nota-se uma progressão alarmante no uso da corrupção: ela se tornou um

instrumento estratégico do Estado, particularmente na esfera da política externa. Neste contexto atual, as vantagens financeiras se tornam secundárias, dando lugar a metas geopolíticas mais abrangentes, como o aumento da influência ilegítima sobre outros países, a manipulação de elites locais e a desestabilização de instituições democráticas. Segundo MacLachlan, em seu artigo "Corruption as Statecraft" (2019), a corrupção deixa de ser vista apenas como uma questão interna e se torna uma ferramenta de diplomacia alternativa, silenciosa e frequentemente invisível, com impactos significativos na ordem internacional.

MacLachlan (2019) afirma que essa forma de corrupção se dá por meio de vulnerabilidades de um Estado, como a Ucrânia e sua necessidade por gás natural, ou seja, o gás natural é um bem necessário para o país, por conta de sua utilização em indústrias, geração de eletricidade e aquecimento etc, entretanto, a Ucrânia não consegue produzir por conta própria, sendo dependente do gás natural de países estrangeiros, como a Rússia. Dessa forma, a Rússia consegue se aproveitar dessa vulnerabilidade para criar uma relação assimétrica de poder. Segundo a autora, a corrupção neste caso se advém do investimento em campanhas eleitorais para um candidato em específico ganhar, a partir disso, o candidato sendo eleito, ele adquire certa "dívida" com seus apoiadores, sendo assim, alvo fácil de suborno. Podemos identificar isso dentro do caso da Rússia com a Ucrânia, onde a empresa Gazprom vendia o gás natural para a Ucrânia acima do valor de mercado, a fim de gerar uma dívida com a Rússia; A empresa Gazprom disponibilizou o pagamento de USD 2 bilhões por ano ao ex-presidente Ucrâniano Viktor Yushchenko, para que ele pudesse usar com o que quisesse, inclusive em campanhas eleitorais, com isso, o candidato foi "obrigado" a continuar a comprar o gás natural dessa empresa, virando um ciclo vicioso e um alvo fácil para interferências internas.

Não só isso como também, a corrupção estratégica pode ocorrer devido a necessidade de investimento em certas áreas, que é considerado outro tipo de vulnerabilidade interna, sem necessariamente o acesso a campanhas políticas. A exemplo disso, podemos citar o caso dos investimentos chineses nos países de Hungria e Grécia, na criação de pontes e portos - uma alta necessidade destes países - tendo em vista que esses setores têm uma alta circulação de dinheiro e juros. Com isso, gera um ciclo de dependência entre Estados, como veremos mais adiante.

A corrupção é maléfica ainda mais em Estados com a democracia emergente, uma vez que as instituições não estão bem consolidadas, podendo enfraquecê-las ainda mais e gerar uma trava no desenvolvimento econômico, estabelecendo-se assim, uma dependência de

Estados estrangeiros na política interna do próprio país, bem como a falta de legitimidade destes governos para com o público interno e externo (MacLachlan, 2019).

Entretanto, devido a alta nos casos de corrupção inter estados, há um risco iminente em democracias já consolidadas, bem como é visto dentro da União Europeia, em virtude das medidas protecionistas de Donald Trump no comércio com a Europa, abrindo caminho para o continente ampliar ainda mais as relações comerciais com a China, fazendo com que o continente europeu fique dependente da China para a realização de novos investimentos internos.

A China, por conseguinte, aprendeu a importância disso, tendo em vista o seu passado turbulento com o Reino Unido, quando ainda estava abrindo suas fronteiras para o ocidente, ao realizar diversos acordos injustos, como o Tratado de Nanquim (1842), Tratado de Tianjin (1858) e Convenção de Pequim (1860)³, percebendo a magnitude da influência de outro Estado em seus portos e negócios internacionais.

Uma vez vivenciado isso, a China tenta reproduzir a prática do Reino Unido, porém nos dias atuais, com o programa de reestruturação da rota da seda, nomeado “The Belt and Road Initiative”, uma alternativa de rota que conecte a Ásia com a Europa pela África, de forma terrestre e marítima. Com isso, a China já vem investindo em portos dos países do Paquistão, Sri Lanka, Grécia, Hungria, etc. Em contrapartida, podemos identificar que os casos mencionados pela autora se limitam à Rússia, China e alguns países do Oriente Médio, nos fornecendo uma visão “americanizada” dos casos, acreditando que esses países, e regiões, são as únicas a realizar esse tipo de ação.

Portanto, para além de Rússia e China, podemos identificar traços de corrupção como arma de política externa, na Política das Enclaves, realizada pelos Estados Unidos, durante a Guerra Fria com a América Latina,⁴ que levou ao caso da “república de bananas”, onde a empresa norte americana “United Fruit Company” se instalou em diversos países da América Latina, porém o caso é mais conhecido é na Guatemala, onde a empresa conseguiu certo domínio em grande parte da terra, e quando o presidente guatemalteco tentou realizar uma

³ Esses tratados marcaram o “Século da Humilhação” para a China, no contexto pós Guerra do Ópio uma vez que foi onde iniciaram-se as negociações com o ocidente e o Reino Unido se aproveitou da “inexperiência” da China, para a criação de tratados desiguais, onde a China abria mão de parte de sua soberania para os interesses do Reino Unido, como por exemplo, ceder Hong Kong. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59075741>

⁴ A política das Enclaves possui esse nome, tendo em vista os “enclaves” criados pelos Estados Unidos nos países vizinhos a fim de conter a expansão do comunismo, com forças militares e zonas econômicas de controle, como a United Fruit Company. Essa política foi posterior ao plano Marshall, onde os Estados Unidos adotaram uma posição mais agressiva, por conta da Crise dos Misseis, em Cuba, em 1962, de acordo com Anelise Coelho, no artigo “Política Externa Dos Estados Unidos Em Relação À América Latina Na Administração De Harry S. Truman “.

reforma agrária, os EUA organizaram um golpe de Estado no país, para continuar atendendo as necessidades da empresa.⁵ Esses acontecimentos foram pontos-chaves na história da América Latina e também para o desgaste democrático e de desenvolvimento econômico do continente, pontos que podemos identificar na escrita de MacLachlan.

Não só isso, como também temos o exemplo do atual acordo feito entre Estados Unidos e Ucrânia, com o novo acordo de minerais, que dá acesso aos Estados Unidos às terras raras no subsolo Ucrâniano, por conta da riqueza natural de minérios do país, como lítio, titânio, etc. que serve de matéria-prima para a criação de dispositivos eletrônicos, chips, mísseis, e tecnologias avançadas. Isso foi feito em virtude da pressão que o presidente Volodymyr Zelensky, atual presidente da Ucrânia, vem recebendo de Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos, tendo em vista os grandes esforços financeiros feitos pelos Estados Unidos no auxílio da Ucrânia perante a guerra contra a Rússia.

De acordo com o artigo “The Rise of Strategic Corruption - How States Weaponize Graft” (Zelikow et al, 2020), a facilitação da corrupção como arma de Estado pelos Estados Unidos, se deu posteriormente à segunda guerra mundial e ao novo modelo liberal econômico, desburocratizando os processos jurídicos, foi um ponto-chave na criação de um paraíso financeiro para lavadores de dinheiro, financiadores de terrorismo, cleptocratas⁶ e contrabandistas.

Vale a pena ressaltar que as medidas tradicionais para “punição” de países que utilizam a corrupção como forma de política externa, devem fugir do convencional, como por exemplo as sanções econômicas, uma vez que a economia, nestes casos, fica em segundo plano, sendo assim, ineficientes (MacLachlan, 2019). Deve-se, portanto, realizar esforços no aprimoramento de dados, deixando-os cada vez mais transparentes para o público, no combate à lavagem de dinheiro, por exemplo.

Portanto, essas medidas, no curto prazo, requerem um alto esforço dos Estados para a criação de novas políticas transparentes, juntamente com a ajuda de seus aliados para dissolver a rede de corrupção como um todo. Entretanto, essa tarefa é muito difícil, ao passo que a corrupção já está tão enraizada nas relações internacionais, e em muitos dos casos, as melhorias internas provindas da corrupção são sim benéficas, como é o caso do Paquistão, no qual sofre severas sanções comerciais de outros Estados por conta de seu programa nuclear,

⁵ A implementação das empresas produtoras de bananas foi crucial na história da América Latina, sendo citado inclusive no livro “Cem Anos de Solidão”, de Gabriel Garcia Marquez. Para saber mais: https://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/04/160428_republica_bananas_origem_fn

⁶ Cleptocratas vem do conceito de Cleptocracia, onde governantes políticos utilizam de seu poder para se apropriar de recursos públicos, transformando a corrupção em prática de governo dentro do domínio interno (Ferreira, 2016, p.98). Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/ie/article/download/1680/1505/4802>

sua postura militar e envolvimento com grupo terroristas⁷. É uma forma destes países “párias” entrarem novamente para o sistema internacional. Contudo, é importante ressaltar que o sistema internacional é anárquico, não havendo órgão regulador para definir o que é “certo” e “errado”. Logo, faz-se necessário a definição do conceito de corrupção estratégica, uma vez que só é possível a aplicação de medidas efetivas quando se compreende o que é exatamente, quais os pontos do ambiente doméstico e externo estão sendo afetados, identificando os órgãos, instituições e procedimentos que estão possibilitando esse tipo de ação, para que assim, os Estados consigam aplicar medidas que possibilitem a dissolução como um todo.

4 DEFININDO CORRUPÇÃO ESTRATÉGICA

Neste capítulo iremos entender e destrinchar o conceito de corrupção estratégica de acordo com Lang em “Elgar Encyclopedia of Corruption and Society” (2024), Portanto, a corrupção estratégica tem por definição dois conceitos, sendo eles: o primeiro como suborno dentro das ações de política externa a fim de alcançar objetivos geopolíticos. O segundo conceito é uma forma de discurso político, também conhecido como corrupção armamentada, é a securitização⁸ da corrupção (Lang, 2024, p. 313). É importante salientar que para Lang, a corrupção estratégica não envolve agentes privados em busca de enriquecimento próprio, como por exemplo o pagamento de propina, para “tomadores de decisão” em outro país com o propósito de “facilitar a legislação” (Lang, 2024, p. 313), mas sim um Estado em busca de ganhos geopolíticos a longo prazo e não ganhos econômicos de curto prazo.

Uma maneira que Lang utiliza para exemplificar a corrupção estratégica é ao utilizar a espionagem como forma tática. Bem como, o suborno político internacional para agentes da elite política, com fins de ganhos pessoais, para abusar de seu poder (Lang, 2024, p. 313), como podemos identificar em vários casos citados dentro deste artigo.

É importante salientar que, segundo Lang, a corrupção estratégica não é especificamente proibida como ferramenta das relações internacionais dentro do direito internacional, que dificulta no seu julgamento (Lang, 2024, p. 314). Isso pode ocorrer por conta da falta de clareza na definição exata de corrupção estratégica, tendo em vista que, em muitos casos, a corrupção é meramente um mecanismo de defesa utilizado dentro do sistema

⁷ Reportagem disponível em: <https://www.csis.org/analysis/us-sanctions-pakistans-missile-program-highlight-nuclear-threats-beyond-south-asia>

⁸ Securitização é definido como um problema de segurança internacional na medida em que um agente securitizador argumenta sobre a necessidade de se tratar determinado tema como uma ameaça existencial. (e.g., Silva et al., 2019). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/ygPZ8HJLnHCLWj4W5ZjxZKB/>

internacional advento do capitalismo como maneira de sobrevivência em um sistema anárquico e baseado na ideia de jogo de soma zero⁹. Ademais, Lang alega que as lacunas entre o sistema financeiro internacional facilita a transação de dinheiro para contas internacionais e até para países paraísos fiscais, fica ainda mais difícil o rastreamento do destinatário real do suborno.

Vale ressaltar que, ao contrário do que muitos pensam, a corrupção estratégica não é uma ação que se iniciou no mundo moderno, ela apenas foi conceituada agora, entretanto, é uma prática muito antiga, como é evidenciado pelo autor ao dar o exemplo da Europa colonial:

Comparative historical research shows that European colonial history is ripe with examples where conquerors and state-backed merchants strategically bribed local elites in order to secure and legitimize their “acquisitions” of land, resources or even human beings to the detriment of the broader population in oppressed territories (Kroeze et al., 2021, pp. 3–5). (Lang APUD Kroeze et al).

Portanto, com o aumento dos casos de corrupção estratégica - ou o descobrimento dos casos - ve-se um movimento anti-corrupção entre os Estados, uma vez que essas ações reforçam atitudes autoritárias e falta de transparência para com a população como um todo, a fim de manter a ordem democrática. No entanto, cabe o questionamento se os órgãos conseguirão ser efetivos em suas ações, ao passo que estamos vivenciando um momento de insegurança dentro das relações internacionais, como se pode ver na guerra da Rússia e Ucrânia, Israel e Hamas, a luta dos Estados Unidos contra a imigração ilegal, os aumentos de catástrofes naturais, etc. Dessa forma, fica cada vez mais difícil a inclusão dessa pauta dentro da agenda dos órgãos internacionais, devido aos assuntos iminentes de grande importância pelo qual estamos passando.

4.1 NORMALIZAÇÃO DA CORRUPÇÃO ESTRATÉGICA

⁹ É uma situação em que dois ou mais atores tratam de conseguir melhor resultado do que o adversário, visando agir pela lógica de que tudo que o adversário perder seja revertido em ganho para si próprio. Geralmente, busca-se a vitória tentando maximizar seus resultados (minimax). Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/glossario/jogo-de-soma-zero/>

Conforme já foi dito antes neste artigo, a corrupção é e sempre foi utilizada como prática governamental, entretanto, a corrupção estratégica, utilizada como ferramenta de poder de política externa é um conceito relativamente novo e sua prática vem aumentando cada vez mais. A corrupção estratégica não visa ganhos internos, mas sim, reafirmar uma posição assimétrica de poder com o propósito de gerar uma dependência e influência ilegítima entre estados (Huss e Alvarez, 2022). Portanto, o seu uso é reafirmado pela necessidade dos países se integrarem dentro do sistema internacional voltado para o capitalismo, ou seja, mesmo a China, que se autodeclara socialista, transita para um capitalismo de estado como forma de sobreviver ao sistema internacional.

De acordo com Zelikow et al (2020), com a derrota da União Soviética e o crescimento do capitalismo e do liberalismo, os Estados Unidos, a fim de alavancar a sua economia e seus parceiros comerciais, se tornaram um paraíso para lavadores de dinheiro, tendo em vista a falta de legislação nacional que exigia transparência do beneficiário final (Zelikow et al, 2020). Com isso, juntamente com a dissolução da União Soviética criou-se um cenário favorável à ascensão da riqueza dos oligarcas russos que lucraram com a privatização de empresas estatais soviéticas, transformando a Rússia, desde então, em um polo majoritariamente corrupto (Huss e Alvarez, 2022).

Entretanto, com o passar dos anos, com o alastramento dessa prática, houve uma certa “normalização” da corrupção como prática de política externa entre os governantes, sendo um tabu - ainda - somente para o público interno, reforçando a perda de confiança na política e instituições como um todo e contribuindo para o crescimento do discurso populista e políticas radicais.

Assim, a normalização da corrupção estratégica se dá de forma gradual e orgânica nas interações entre Estados, tornando-se cada vez mais desafiador criar mecanismos efetivos para regular, reprimir e julgar esse tipo de conduta. Este fenômeno debilita instituições globais e prejudica a segurança mundial, já que frequentemente os interesses geopolíticos prevalecem sobre os princípios legais e éticos. De acordo com o artigo *Strategic Corruption as a Threat to Security and the New Agenda for Anti-Corruption (2022)*, a guerra entre Rússia e Ucrânia pode ser parcialmente entendida neste cenário, já que a dependência histórica da Ucrânia em relação à Rússia criou um cenário favorável para pressões políticas e econômicas. Ao tentar superar essa dependência e estabelecer uma conexão com o Ocidente - através da tentativa de ingresso na OTAN e da busca por parcerias estratégicas - a Ucrânia se tornou uma ameaça aos interesses russos, contribuindo para o aumento das tensões e, finalmente, para o conflito armado.

Dessa forma, a guerra naturalmente acendeu um sinal vermelho para os perigos da corrupção como prática de política externa em larga escala, sendo percebida a sua importância e começando a virar uma pauta entre os Estados dentro da agenda internacional, como um problema de segurança nacional, o que veremos no tópico seguinte a ser um ponto delicado a se considerar. Cabe ressaltar também que, por mais que esteja sendo introduzido na agenda internacional, ainda sim, é difícil medir quando os Estados irão tomar atitudes para conter a corrupção, uma vez que há outros assuntos de maior importância ocorrendo atualmente.

Apesar disso, conforme discutido anteriormente, a corrupção já está tão enraizada no modus operandi dos governos que se tornou quase que impossível a dissolução dessa prática pelas potências mundiais, pois ao criar o laço de dependência, o Estado reafirma sua posição de potência, criando um ciclo interminável de assimetria de poder. No próximo tópico discutiremos sobre a origem do termo de Corrupção Estratégica, como outros autores já estavam entrando nessa linha de pensamento - sem essa denominação - e também a contribuição de Alvarez e Huss para o tema.

5 CORRUPÇÃO ESTRATÉGICA: UM CONCEITO EMERGENTE

Embora o conceito de Corrupção Estratégica esteja sendo discutido somente nos dias atuais, nota-se que é uma prática antiga, indo de encontro ao termo “novo”. Como o artigo *The Meeting Of Two Worlds: Strategic Corruption In (Anti-)Corruption Studies And International Relations* (Alvarez e Huss, 2024) mostra, existem trabalhos feitos relacionados a esse assunto, como o de Peter Pomerantsev e Michael Weiss em 2015 para o Instituto da Rússia Moderna, no qual mostra que a utilização de dinheiro como arma para a disseminação de desinformação é descrita como representando corrupção estratégica, um novo elemento importante da política externa da Rússia contra o Ocidente (Alvarez e Huss, 2024, p.4). Entretanto, conforme é discutido no artigo, o ponto crucial para haver uma mudança na nomenclatura, e - conseqüentemente - a criação de um novo conceito, seria a dimensão que a corrupção estratégica vem tomando, de forma que está se tornando, cada vez mais, uma prática comum entre Estados, portanto, cada vez mais difícil de ser cessada.

Ademais, para os autores, três outros conceitos são fundamentais para compreender a corrupção estratégica, atuando como congruentes, sendo eles: influência maligna, capital corrosivo e guerra híbrida (Alvarez e Huss, 2024, p.9). A influência maligna pode ser entendida como ações estatais com o intuito de manipular em prol do benefício próprio. Já o capital corrosivo são fluxos financeiros que originam-se de um Estado não democrático para

um país democrático (Alvarez e Huss, 2024, p.9). Os autores enfatizam que essa ação é um dos exemplos práticos do enfraquecimento das instituições, e podemos identificar exemplos como esse dentro do contexto pós guerra fria, onde o mundo vira unipolar, tendo “ganhado” o capitalismo, e os Estados Unidos, sendo a potência hegemônica emergente que desregulamenta seus fluxos financeiros, dando espaço para a entrada de dinheiro das oligarquias russas para as empresas norte americanas, como investimento. Para os autores:

In other words, capital becomes properly corrosive through its negative impact, not its (un)friendly origins; it fosters regulatory gaps in the recipient countries rather than just taking advantage of them. This result is then compounded by a degree of return over the original investment, as profits from the various business-oriented operations are later repatriated to feed domestic networks or recirculated through the international arena and employed in future activities (Alvarez e Huss, 2024, p.21).

Já a guerra híbrida, seria a junção desses conceitos (corrupção estratégica, influência maligna e capital corrosivo) no qual utiliza-se da perspectiva que está alinhada com a compreensão de ameaças que envolvem a combinação de diferentes métodos — militares, econômicos, cibernéticos e informacionais — para atingir objetivos estratégicos (Alvarez e Huss, 2024, p.10). Contudo, para eles, estes conceitos se tornam ambíguos à medida que não está bem delimitado, sendo vistos como conceitos hierárquicos, e a corrupção estratégica uma mera manifestação do capital corrosivo.

Além disso, para os autores, a corrupção interna e a corrupção estratégica como prática de política externa possuem uma ligação intrínseca, onde no Estado que há a normalização da corrupção como lavagem de dinheiro, suborno, tráfico de informações, tem as suas instituições enfraquecidas, abrindo, assim, portas de suas fronteiras para a corrupção estrangeiras, tornando-se uma teia de aranha quase impossível de se desmanchar. O conceito da cleptocracia se encaixa neste contexto, onde, governos os ocupantes de cargos políticos utilizam de seu poder para se apropriar de recursos públicos, transformando a corrupção como prática de governo dentro do domínio interno (Ferreira, 2016, p.98). Com isso, pode-se compreender que “a corrupção estratégica nasce da corrupção do próprio regime hostil e persegue a corrupção institucional dos regimes-alvo” (Alvarez e Huss, 2024, tradução nossa).

Dessa maneira, o capitalismo de compadrio¹⁰, juntamente com a interdependência constituem um local perfeito para a prosperidade da corrupção estratégica e um colonialismo

¹⁰ Nesse modelo, favores políticos, subsídios, contratos públicos, isenções fiscais e regulações sob medida são concedidos a determinados grupos econômicos ou indivíduos, geralmente em troca de apoio político, financiamento de campanhas, propinas ou outros benefícios ilícitos. Um sistema econômico no qual familiares e amigos de funcionários do governo e líderes empresariais recebem vantagens injustas na forma de empregos, empréstimos, etc.

Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/crony-capitalism>

reestruturado para o mundo moderno, uma vez que essas ações reafirmam as posições de poder dentro do sistema internacional.

Em virtude disso, essa prática tem sido securitizada, sendo revelada e transformada em um problema de segurança nacional, tendo em vista que, ao securitizar, o Estado, dependendo das medidas tomadas, poderia “minar” o desenvolvimento político interno e externo perante a sociedade civil, conforme é descrito no trecho:

[..] There is a danger that the concept of strategic corruption might be instrumentalized by political actors, leading to the subordination of corruption investigations under the guise of national security. Such misuse could undermine the open and inclusive approach to policy development - carried out with civil society engagement and intra-governmental (Alvarez e Huss, 2024, p.26).

Contudo, os mecanismos atualmente utilizados no combate à corrupção mostram-se, em grande parte, ineficazes frente à complexidade e sofisticação das práticas contemporâneas, especialmente aquelas que se entrelaçam com estratégias geopolíticas. Nesse sentido, torna-se urgente o desenvolvimento de novas metodologias de identificação, monitoramento e prevenção, com foco especial no fortalecimento dos sistemas de controle interno. Isso se justifica, uma vez que, conforme discutido no artigo, a corrupção tem origem no âmbito doméstico, onde redes de favorecimento, compadrio e práticas ilícitas se estruturam, para, posteriormente, transbordar para a esfera internacional, impactando as relações exteriores e exigindo uma revisão crítica das políticas externas e dos acordos internacionais.

CONCLUSÃO

Portanto, com este artigo, podemos entender a relevância da conceitualização e teorização do tema para as relações internacionais, uma vez que, apesar de extremamente utilizada e normalizada, a corrupção estratégica possui diversas faces, e por conta disso, torna-se difícil a sua distinção de corrupção normal e sua base legal, uma vez que o conceito é compreendido de diferentes formas entre os autores, e para o direito internacional. O termo vai além de práticas ilícitas, lavagem de dinheiro e suborno, e a sua utilização, na maioria dos casos, não é para fins monetários, mas sim geopolíticos, sendo isso a principal diferença entre corrupção normal e estratégica. A partir das análises, sob visões realistas, de Maquiavel e Mearsheimer, é possível compreender que a manipulação dos instrumentos estatais é quase que necessária dentro das relações de poder estabelecidas, e podem ser utilizadas como forma

de compensação dentro do sistema internacional, para os Estados consigam assegurar suas posições. Ao longo do artigo, podemos perceber que a sua prática busca gerar influência ilegítima para Estados-alvo, a fim de reafirmar uma posição desigual de poder, gerar instabilidade interna, comprometendo a soberania nacional e enfraquecendo instituições. É importante ressaltar que essa prática ocorre em diferentes modelos de governo, como em democracias, autocracias, etc, como podemos identificar nos casos de Estados Unidos, Rússia, China, entre outros países.

Por conta disso, o julgamento da corrupção estratégica é raso e cheio de controvérsias dentro do sistema internacional, onde o capitalismo, juntamente com instituições fragilizadas, o surgimento de novas guerras entre potências médias e nova onda do colonialismo são fatores decisivos para a continuação e perpetuação dessa prática. Dessa forma, para além de novas medidas fiscais, inclusão do tópico na agenda internacional, e transparência dos governos, é necessário fazer uma reformulação dentro do sistema internacional e das relações de poder assimétricas, para que assim os Estados que “sofrem” deste mal, tenham chance de sair deste ciclo vicioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCO, Marco Antonio. **Os Estados, o sistema-mundo capitalista e o sistema interestatal: uma leitura crítica das contribuições de Immanuel Wallerstein**. Brazilian Journal of Political Economy, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 708–730, 2018.

SOUSA, L; COROADO, S. (org.). **Elgar Encyclopedia of Corruption and Society**. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 2024. 386 p. eISBN 978-1-80392-580-6. DOI: 10.4337/9781803925806.

HUSS, Oksana; POZSGAI-ALVAREZ, Joseph.; BOLOGNA UNIVERSITY. **Strategic corruption as a threat to security and the new agenda for anti-corruption**. CJL, 17 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.corruptionjusticeandlegitimacy.org/post/strategic-corruption-as-a-threat-to-security-and-the-new-agenda-for-anti-corruption>>. Acesso em: 29 jun. 2025

MACLACHLAN, Karolina. **Corruption as statecraft: using corrupt practices as foreign policy tools**. Defence & Security Global Programme – Transparency International, out. 2019. 66 p. Disponível em:

https://ti-defence.org/wp-content/uploads/2019/11/DSP_CorruptionasStatecraft_251119.pdf.

Acesso em: 19 jun. 2025.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. [S.l.]: Novo Século Editora, 2022.

MEARSHEIMER, John. **Why leaders lie: the truth about lying in international politics**. Nova Iorque, NY: Overlook Press, 2012.

MITTER, Rana. **Cinco fatores do passado que influenciam atitude da China com o mundo**. BBC, Londres, 28 out. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59075741>. Acesso em: 19 jun. 2025.

POYER, Carlos Nilton. **Elementos de liberdade e corrupção em Maquiavel**. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – V EPCT, 2016, Campo Mourão. Anais... Campo Mourão: Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FECILCAM/NUPEM, 2016. Disponível em: https://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/PDF/ciencias_humanas/16_POYER.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.

POZSGAI-ALVAREZ, Joseph; HUSS, Oksana. **The meeting of two worlds: strategic corruption as an emerging concept in (anti-)corruption studies and international relations**. *Contemporary Politics*, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 306–327, 2025.

ZELIKOW, Philip et al. **The rise of strategic corruption**. *Foreign Affairs*, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://archive.is/20231003221905/https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/rise-strategic-corruption-weaponize-graft>. Acesso em: 19 jun. 2025.